

AS VÁRIAS FACES DE LUIZ GAMA: DIREITO, POESIA, JORNALISMO E EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTOS DA CONSTRUÇÃO DA DIGNIDADE HUMANA

Jair Cardoso dos Santos¹

Orientadora: Profa. Dra. Maria Anória de Jesus Oliveira

Resumo: Esse artigo revela as várias faces do intelectual e militante negro Luiz Gama em diversas atividades e frentes de batalhas contra a escravidão e o racismo, fazendo considerações a respeito da sua atuação como advogado, abolicionista, jornalista e poeta, lançando um olhar, ainda, sobre algumas das suas ideias e atividades no campo da Educação. Sendo fruto da diáspora africana, oriundo, portanto, das margens do tecido social e vendido pelo próprio pai como escravo, o menino-soldado se tornou autodidata, ressignificando a própria vida e, ao invés de ficar em certa zona de conforto, partiu para a luta, revelando-se um intelectual orgânico, que sabe o lugar de sua fala. Assim, ao tempo em que travava a luta pela abolição da escravidão e libertava pela via judicial centenas de cativos, de forma ousada e desvoluta desconstruía os discursos das elites, invertendo a hierarquia e a lógica dominantes no Brasil oitocentista.

Palavras-chave: Abolição. Direito. Literatura Negro-Brasileira. Desconstrução. Ressignificação.

DE MENINO-SOLDADO A SENHOR DO PRÓPRIO DESTINO E DESCONSTRUTOR DE DISCURSOS

Salvador conta com uma rua de nome Luiz Gama, na Mouraria, no bairro de Nazaré. Trata-se de uma das poucas homenagens ao mais conhecido morador do logradouro, nascido ali, em 21 de junho de 1830, quando o mesmo chamava-se Rua do Bângala. Ali, a revolucionária negra forra Luiza Mahin deu luz à criança que dez anos mais tarde seria escravizada pelo seu genitor e levada para a Província de São Paulo, abortando os seus sonhos de infância. O próprio Luiz Gama, na carta que escreveu ao amigo Lúcio de Mendonça, e a pedido deste, resume de maneira dramática a sua saga no verdor dos anos da infância e da adolescência:

Desde que fiz-me soldado comecei a ser homem; porque até os dez anos fui criança; dos 10 aos 18, fui soldado”. Uma primeira leitura desse trecho da carta escrita a Lúcio de Mendonça nos dá pistas para compreender os oito anos em que Luiz Gama, obrigado a viver como escravo doméstico, experimentou toda sorte de tratamento (SANTOS, 2010, p. 23).

Depois de passar pelas díspares experiências de liberdade e escravidão, contando com a ajuda do estudante de Humanidades Antônio Rodrigues do Prado Júnior, Luiz Gama conhece a palavra escrita, da qual apropriar-se-á para ressignificar a sua existência de escravizado, conseguindo a própria liberdade e ajudando a ressignificar a vida de tantas outras pessoas contempladas pela sua prática e pelo seu discurso jurídico, poético e educacional. Segundo FERREIRA (2011),

¹ Mestrando em Crítica Cultural (UNEB), licenciado em História e bacharel em Direito (UFBA), especialista em Educação (PUC/RJ), advogado e professor da Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias e do Ensino Médio na SEC/BA

A partir dos dezessete anos, graças à “transgressão” de um estudante residente na casa de seu senhor que o ensina a ler e escrever, Luiz Gama, qual Prometeu, empreende sua prodigiosa conquista do saber e da palavra que lhe devolvem a liberdade e constroem o improvável destino de um ex-escravo, no Segundo Reinado: o destino de um homem “letrado” cuja voz se fez ouvir na sua cidade, na sua província e na sua nação (FERREIRA, 2011, p. 17).

Apesar de jamais ter frequentado escolas, Luiz Gama construiu uma trajetória que começou pela profissão de amanuense (escriturário) e militar de baixa patente, passando pelo campo da poesia, educação e jornalismo; ficou conhecido como líder abolicionista e ganhou fama no direito, como advogado provisionado. Impressiona a sua habilidade no trato com a palavra, pois jamais frequentou escolas ou academias. Apesar desse fato, possuía o domínio da palavra falada e escrita, permitindo-lhe desconstruir conceitos, desmontar discursos e inverter a hierarquia na sociedade escravocrata do Brasil oitocentista.

Os conceitos são culturalmente construídos e Luís Gama atua na sociedade brasileira para inverter essa lógica, desconstruindo os estereótipos. Trata-se da paralógica, que exigirá um novo conceito, conforme se observa da lição de Jacques Derrida:

Dito isso, ater-se, por outro lado, a essa fase significa ainda operar no terreno e no interior do sistema desconstruído. É preciso também, por essa escrita dupla, justamente estratificada, deslocada e deslocante, marcar o afastamento entre, de um lado, a inversão que coloca na posição inferior aquilo que estava na posição superior, que desconstrói a genealogia sublimante ou idealizante da oposição em questão e, de outro, a emergência repentina de um novo “conceito”, um conceito que não se deixa mais – que nunca se deixou – compreender no regime anterior (DERRIDA, 2001).

Vale ressaltar que no Brasil oitocentista o diploma expedido pelas academias não era *conditio sine qua non* para o exercício de algumas profissões, como advogado, professor e jornalista, para as quais na atualidade exige-se diploma universitário.

O JORNALISMO: UMA DAS VÁRIAS FACES DO AUTODIDATA LUIZ GAMA

Jornalista no Brasil do século XIX era a pessoa que escrevia em periódicos, normalmente semanais ou mensais. Luiz Gama escreveu para muitos jornais, além de ser o criador de O Polichinelo; ao lado do caricaturista Angelo Agostini, fundou também Diabo Coxo, o primeiro jornal humorístico de São Paulo. Nos seus escritos no jornal Ipiranga ele, de forma pioneira, se autointitulava “afro”, podendo ser considerado o primeiro jornalista brasileiro a declarar a sua pertença etnicorracial negra.

O jornal foi o meio utilizado por ele para tornar público os seus dissabores e conflitos políticos e jurídicos com representantes da classe dominante da sua época: magistrados, políticos,

escravocratas e clérigos. As palavras eram habilmente usadas para, além de tornar público tais dissabores, desmoralizar essas personalidades, revelando as contradições dos seus discursos.

Na edição de 29 de julho de 1869 do jornal Radical Paulistano, o próprio Luiz Gama explica as razões pelas quais recorria aos jornais para conter as injustiças contra os desvalidos, expressão que ele usava para se referir aos escravizados:

Impus-me espontaneamente a tarefa sobremodo árdua de tentar em juízo o direito dos desvalidos, e de, quando sejam eles prejudicados por uma inteligência das leis, ou por desassinado capricho das autoridades recorrer à imprensa e expor com toda a fidelidade, as questões e solicitar para elas o sisudo e desinteressado parecer das pessoas competentes [...]. O meu interesse [,] interesse inabalável que mantereí sempre, a despeito das mais fortes contrariedades, é a sustentação plena, gratuitamente feita, dos direitos dos desvalidos que correrem ao meu ténue valimento intelectual (FERREIRA, 2010, p. 109)

Nessa mesma edição de o Radical Paulistano, Luiz Gama expõe, indignado, a negação de um *habeas corpus* para o seu cliente, Antonio José da Encarnação que, apesar de ter cumprido *in totum* a pena de 4 anos e meio de prisão na capital paulista, continuava preso. O artigo desautoriza o magistrado, colocando em xeque a sua isenção e competência, fato registrado em diversos outros artigos jornalísticos assinados por Luiz Gama.

Em diversas outras edições do Radical Paulistano, o jornalista baiano expõe dramas, como o do africano Jacinto, cuja defesa lhe rendeu a demissão do cargo de amanuense da Secretaria de Polícia de São Paulo, depois de quase treze anos de trabalho. Luiz Gama desmoraliza publicamente o juiz que, fingindo não ver a lei para salvaguardar o direito do africano Jacinto, declarara a incompetência em razão do lugar.

Dessa forma, os textos jornalísticos de Luiz Gama possuíam o condão de envolver a sociedade paulistana nos dramas pessoais dos desafortunados, tornando-os públicos, fato que sensibilizava a sociedade escravocrata, fazendo-a refletir sobre o real interesse humano:

O jornal é uma forma confessional de grupo que induz à participação comunitária. Ele pode dar uma 'coloração' aos acontecimentos, utilizando-os ou deixando de utilizá-los. Mas é a exposição comunitária diária de múltiplos itens em justaposição que confere ao jornal a sua complexa dimensão de interesse humano (MCLUHAN, 1992, p. 129).

Em tempos de internet e globalização, fazendo do planeta uma aldeia global, alguns pesquisadores veem ineditismo no trabalho de Luiz Gama, ao fundar no jornalismo brasileiro, ao lado de Angelo Agostini, a imprensa satírica e imagética:

Dois artigos publicados no jornal O Estado de São Paulo, de 6 de março e 3 de abril de 2005, subscritos respectivamente pelo jornalista Elias Thomé Saliba e pela professora Lília Moritz Schwarcz, colocam Luiz Gama, juntamente com Angelo

Agostini, no histórico jornal Diabo Coxo, como pioneiros no Brasil na imprensa satírica e ilustrada” (CÂMARA, 2010, p. 125).

O ADVOGADO E ABOLICIONISTA LUIZ GAMA

Luiz Gama foi um homem à frente do seu tempo. Se tornou adepto e defensor das ideias republicanas muito antes da publicação do Manifesto Republicano, em 1870. Entretanto, não dissociava república de abolição, razão pela qual teve sérios entraves e discussões com diversos integrantes do movimento republicano, que queriam o fim da monarquia, mas não o fim da escravidão. Assim, além de ser atacado por seus adversários políticos, também, era duramente atacado por alguns dos seus pares nas lides políticas do republicanismo paulista; por causa da autenticidade das suas ideias foi chamado de “republicano radical” e o seu jornal, o Polichinello, foi rebaixado à condição de “oficina de bordel” por alguns dos seus críticos (AZEVEDO, 2010, p. 161). Respondendo sempre às críticas de forma altiva e lúcida, o Orfeu Negro ridicularizava o regime monárquico, o judiciário e o clero católico – que eram os seus principais alvos, de maneira pública, através dos jornais.

A grande causa de Luiz Gama enquanto profissional do direito foi a liberdade dos negros que entraram como escravos no Brasil depois da lei de 7 de novembro de 1831, que proibia o tráfico de humanos para as terras tupiniquins. Quer lutando na arena jurídica para garantir a liberdade individual, quer lutando no campo político pela abolição completa da escravidão, colocando-o em confronto direto e constante com algumas personagens privilegiadas do teatro social paulista, Luiz Gama foi um arauto da liberdade. A advocacia militante fez dele um profissional conhecido, amado e odiado:

O ofício que mais rendeu mérito e demérito, admiração e repulsa ao militante da causa negra foi a advocacia. Tendo sentido na própria pele o que era ser escravizado e sendo possuidor de uma nítida identidade negra, publicava em anúncios de jornais os seus serviços jurídicos gratuitos para a realização do sonho da liberdade. Travando batalhas com os poderosos senhores de escravizados e peitando a toga reacionária da sua época, Luís Gama conseguiu a proeza da libertação de mais de 500 escravizados em comarcas da então Província de São Paulo. Àquela altura o ex-escravo, para muitos, já não era um homem, era um símbolo, pois havia esculpido todo o seu próprio edifício humano e ressignificado totalmente a sua existência, tornando-se conhecido abolicionista, republicano, advogado, jornalista, poeta e maçom, e dedicando-se por inteiro à abolição da escravidão, a grande causa da sua vida (SANTOS, 2014).

Um fato que causou a mais absoluta surpresa nos meios acadêmicos, surpreendendo o mundo jurídico da época, foi a ideia esboçada por Gama sobre a legítima defesa do escravizado contra o seu senhor, algo impensável para a época, pois o Código Penal brasileiro considerava o escravizado um bem semovente (AZEVEDO, 2010, p. 42), praticamente negando-lhe a condição de pessoa portadora

de direitos. O advogado do Brás possuía outro raciocínio jurídico e, ao defendê-lo, invertia a lógica e a hierarquia dominantes:

Causou grande polêmica a frase dita pelo advogado abolicionista, o ex-escravo Luiz Gama, durante o julgamento de um escravo que matara seu senhor: “o escravo que mata o senhor, seja em que circunstância for, mata sempre em legítima defesa”. Também ao denunciar o linchamento de escravos, Gama defendeu estes últimos sem hesitar: [...] assim, o escravo que mata o senhor, que cumpre uma prescrição inevitável de direito natural, e o povo indignado que assassina herois jamais se confundirão” (MENUCCI *apud* AZEVEDO, 1987, p. 193).

Salientar-se-á que para o audaz advogado, que peitava a toga corrupta e os poderosos senhores escravocratas, não importava a quem e contra quais interesses as suas ideias se chocavam ou desafiavam. Encarar a liberdade como um direito natural da pessoa humana tratava-se do seu estilo de fazer exegese, de interpretar o texto legal.

Apesar de não ter sido diplomado bacharel em direito, sua atuação como rábula ofuscou e serviu de lições a muitos advogados diplomados pelas academias de Recife e São Paulo, trabalhando com senso de justiça e lucidez jurídica para defender gratuitamente as causas de milhares de escravizados, conseguindo libertar centenas deles.

Segundo COMPARATO (2010), Luiz Gama foi o primeiro advogado audaz, capaz de encarar os homens do poder, quer fossem investidos da toga ou do poder econômico:

Em lugar de se curvar diante do obscurantismo da toga, resolveu afrontá-lo. No atual estatuto da advocacia preceitua-se que “nenhum receio de desagradar a magistrado ou a qualquer autoridade, nem de incorrer em impopularidade, deve deter o advogado no exercício da profissão (artigo 31, § 2º). Luiz Gama foi o primeiro, entre nós, a cumprir com destemor esse dever indeclinável de advogado (COMPARATO, 2010).

NA LITERATURA: DIVISOR DE ÁGUAS, AO INAUGURAR O EU LÍRICO NEGRO

Antes mesmo de começar a escrever em jornais, de iniciar as suas atividades como advogado provisionado e de passar a liderar o movimento abolicionista em São Paulo, Luiz Gama foi poeta, publicando em 1859 o livro *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino* e lançando a sua segunda edição dois anos depois.

No campo da literatura brasileira, essa obra representa um divisor de águas (BERN, 1988), pois o seu autor apresenta-se ao mundo da poesia como o “Orfeu de Carapinha”, introduzindo pioneiramente o eu lírico negro nas nossas letras:

Quero que o mundo me encarando veja
Um retumbante Orfeu da carapinha,
Que a Lira desprezando, por mesquinha,
Ao som da Marimba augusta (GAMA, 2011, p. 15).

Segundo CUTI (2004, p. 66), a poesia de Luiz Gama se constitui em um marco na História da Literatura brasileira, sendo ele o primeiro precursor da Literatura Negro-Brasileira: o divisor de águas na dicção negra se dá ainda em um momento anterior à poesia abolicionista que fez eclodir a obra de Castro Alves. Em “Quem sou eu?”, também conhecido como Bodarrada mais uma vez o poeta baiano afirma a sua identidade etnicorracial e o sarcasmo dirigido às elites supostamente brancas:

Se negro sou, ou sou bode,
Pouco importa. O que isto pode?
Bodes há de toda a casta,
Pois que a espécie é muito vasta... (GAMA, 2011, p. 118).

Luiz Gama antecipou-se aos movimentos de tomada de consciência de ser negro em países avançados do Ocidente, como os Estados Unidos. E, ao usar a retórica de metáforas que confundiam negro por bode em jargões da época e apresentando-se como o poeta de cabelos crespos, na primeira década da segunda metade do século XIX, trouxe ao país a literatura marginal contada sob a ótica do negro brasileiro, desafiando as regras estabelecidas pelo grupo hegemonicamente centralizador, dominante. Nessa vertente literária o negro, de objeto do discurso passou a ser autor da sua própria história, da sua própria epopeia.

CUTI (2004) vai ao encontro de BERND (1988, p. 56), ao afirmar que é este assumir-se outro – que vai determinar toda uma mudança na literatura brasileira – que se constitui no novo e que irá funcionar como um divisor de águas para a conceituação de uma literatura negra.

Assim, a poesia de Luiz Gama abriu caminho para outros poetas e romancistas negros, a exemplo de Cruz e Sousa, Lima Barreto e Carolina de Jesus.

O EDUCADOR LUIZ GAMA

Uma das faces ainda muito pouco conhecidas de Luiz Gama é a de educador, sendo pretensão deste artigo alongar-se mais nesta sua possível faceta.

A documentação representada pelo livro escrito por ele, petições processuais e escritos jornalísticos não deixam qualquer dúvida quanto à sua atuação como advogado, abolicionista, poeta e jornalista. Entretanto, há indícios e presunções de que o autodidata baiano também fora educador porque no ano de 1869:

Sob os auspícios da Loja América, os “professores” Luiz Gama e Olímpio da Paixão inauguram, em junho, uma escola gratuita para crianças e um curso primário noturno para adultos na Rua 25 de Março (FERREIRA, 2010, p. 26).

Interessante notar que dois anos depois, em artigo escrito no jornal Correio Paulistano, no qual discorria sobre as atividades da Loja Maçônica América, a escola para crianças – a qual faz

referência a autora acima – não mais existia e a evasão na escola noturna era muito grande, pois mais da metade dos matriculados não freqüentavam as aulas. Sobre as atividades educacionais da Loja América, da qual foi presidente, Luiz Gama afirma, em artigo publicado no Correio Paulistano, em 10 de novembro de 1871:

Em relação ao ensino popular, ela fundou e sustenta nesta capital uma escola noturna de primeiras letras, onde se acham matriculados 214 anos, sendo efetivamente freqüentes 100. [...]. Além dos esforços do professor, para o preenchimento de seus deveres, há o concurso dos auxílios de um dos membros da loja, o qual, durante a semana que lhe é designada, tem de assistir todas as noites à escola (FERREIRA, 2010, p. 139).

Ao afirmar “além dos esforços do professor”, Luiz Gama não cita o nome do mestre, podendo ser Olímpio da Paixão, que juntamente com ele inaugurara dois anos antes as escolas diurna e noturna para crianças e adultos. Mas o professor poderia ser o próprio Gama ou uma outra pessoa. Por outro lado, o texto deixa claro que o professor titular contava com o auxílio pedagógico de membros da Loja América. Luiz Gama era um dos que se revezavam semanalmente para ajudar o professor em uma turma de mais de 100 alunos? É instigante investigar qual teria sido o papel de Luiz Gama na criação, manutenção e funcionamento dessas escolas e, no bojo dessa investigação, verificar se essas instituições educacionais possuíam um caráter de ação afirmativa e se possuíam elas uma orientação de identidade étnica. Seria Luiz Gama um verbalizador preocupado com a igualdade material, exigindo igualdade de condições de oportunidades para os negros libertos e, dessa forma, teria se antecipado em mais de um século ao conceito de igualdade insculpido no Estatuto da Igualdade Racial, promulgado no século XXI? Teria sido esse expoente do Atlântico Negro (GILROY, 2001) o primeiro no lado de cá do Oceano Atlântico a interpretar o princípio da igualdade no seu aspecto material?

Todavia, ainda que jamais tenha lecionado, o autodidata deixou um documento que pode ser traduzido como um ABC comportamental, de caráter pedagógico. Trata-se da carta escrita ao seu filho Benedito Graco Pinto da Gama, garoto que àquela época possuía 11 anos de idade.

As atividades políticas, profissionais e sociais nas quais Luiz Gama se envolvia, por sua própria natureza, desmontando discursos e quebrando hierarquias, chocava-se frontalmente com os interesses da classe senhoril da qual tornou-se conhecido, temido, odiado e perseguido, sofrendo reiteradas ameaças de morte. Em um desses momentos, pressentindo que a sua hora final poderia ter chegado, ele escreveu a seguinte carta, escrita em 23 de setembro de 1870:

Dize a tua mãe que a ela cabe o rigoroso dever de conservar-se honesta e honrada; que não se atemorize da extrema pobreza que lego-lhe, porque a miséria é o mais brilhante apanágio da virtude.
Tu evita e a amizade e as relações dos grandes homens; porque eles são como o oceano que aproxima-se das costas para corroer os penedos.

Sê republicano, como o foi o Homem-Cristo. Faze-te artista; crê, porém, que o estudo é o melhor entretenimento, e o livro o melhor amigo.
Faze-te apóstolo do ensino, desde já. Combate com ardor o trono, a indigência e a ignorância. Trabalha por ti e com esforço inquebrantável para que este país em que nascemos, sem rei e sem escravos, se chame Estados Unidos do Brasil.
Sê cristão e filósofo; crê unicamente na autoridade da razão, e não te alies jamais a seita alguma religiosa.. Deus revela-se tão somente na razão do homem, não existe em Igreja alguma do mundo.
Há dois livros cuja leitura recomendo-te: a Bíblia Sagrada e a Vida de Jesus por Ernesto Renan. Trabalha e sê perseverante.
Lembra-te que escrevi estas linhas em momento supremo, sob a ameaça de assassinato. Tem compaixão de teus inimigos, como eu compadeço-me da sorte dos meus. Teu pai, Luiz Gama. (FERREIRA, 2011, p. 193).

Há um nítido caráter pedagógico do documento escrito por Gama. Trata-se de um poderoso manual educacional deixado por alguém que preocupa-se em educar para a vida, orientando o futuro caminhar do seu rebento com ousadia, leitura e estudo.

Saliente-se que mesmo naquele momento que o Poeta de Carapinha considerara talvez como o seu último, ele não se eximiu da sua função educativa, recomendando que a sua família se mantivesse rigorosamente submetida aos princípios da honradez e da honestidade, pois apesar de ser advogado, Luiz Gama não era homem de posses. Nota-se que ele escreve a carta, como quem tece um ABC, um manual educacional recomendando condutas pedagógicas e éticas, imprescindíveis à sábia sobrevivência do seu filho. Trata-se de uma carta educacional, traçando princípios de educação formal, política, religiosa, moral, jurídica e ética.

O princípio ético e jurídico de igualdade de todos perante a lei (igualdade formal) é proclamado em alto e bom som na carta através da expressão “sem escravos”, em referência ao país sonhado pelo abolicionista baiano, onde todos fossem iguais sob o aspecto legal, como condição *sine qua non* para a igualdade material/substancial.

Luiz Gama foi um dos artífices da busca prática pela igualdade de oportunidades pelo viés educacional. Tendo vivido na própria pele a dupla experiência de escravizado e homem livre; analfabeto e letrado; sendo fruto e exemplo do conhecimento que ressignifica a vida, ele via na educação o viés que conduziria o negro à igualdade material.

O Poeta de Carapinha revela uma absoluta intimidade com a palavra escrita e define o livro como “o melhor amigo”. Intimidade essa que o tirou da condição de mercadoria, de peça sem qualquer personalidade jurídica ou, na melhor das hipóteses, de pessoa que entra pela porta dos fundos, para alçá-lo à condição de renomado e temido advogado, homem por excelência que sabe abrir e entrar pelas portas da frente... Quem mais do que ele pôde utilizar-se da palavra trazida pelos livros para dar um giro de 360 graus na própria trajetória de pessoa livre que o pai transformou em escravo e depois voltou a ser livre? Assim, é com a mais absoluta propriedade que Luiz Gama ensina

ao seu filho e aos filhos de todas as gerações que o livro é o melhor amigo, a melhor companhia para todos os momentos.

Atrelada a essa ideia sobre o livro, Luiz Gama ensina também que a melhor diversão é o estudo: “Faze-te artista; crê, porém, que o estudo é o melhor entretenimento”. Aqui há a associação feita – inclusive até nos dias atuais, conforme se observa da realização de espetáculos teatrais e circenses por artistas – entre arte e entretenimento. Entender-se-á na expressão “entretenimento”, arte. Como o autor da carta informa, logo a seguir, que “o estudo é o melhor entretenimento”, logo, o professor Gama eleva o estudo à melhor das artes. Qualquer forma de arte e de entretenimento são coisas prazerosas, da qual a alma se encanta e se alegra. Assim, o estudo na visão de Luiz Gama é encarado dessa forma – como sinônimo, por excelência, de prazer e deleite para o espírito. O descobrir do mundo das palavras, dos fatos que marcaram a saga da humanidade, das paisagens naturais e humanas, dos segredos dos mares e oceanos, do nosso próprio corpo, dos nossos parceiros no planeta... haja prazer nessa esfera da arte das artes!

Toda a vida de Luiz Gama, da infância até chegar à maturidade, foi marcada pela traição de homens que possuíam poder e/ou dinheiro. Essas personagens representaram na vida de Gama um verdadeiro oceano de maldades, corroedor de penhascos, como ele afirma na carta escrita ao filho. A começar por seu pai – que ele negava-se a revelar o nome, conforme revelara ao amigo Lúcio de Mendonça, em 25 de julho de 1880 (FERREIRA, 2011, p. 200).

Assim, de maneira bastante pedagógica, fazendo uma metáfora filosófica e poética ao afirmar que essas relações “amistosas” com os poderosos “*são como o oceano que aproxima-se das costas para corroer os penedos*”, Luiz Gama admoesta o seu filho, preparando-o para a vida, pedindo que se afastasse dos ricos e poderosos, de quem ele, por experiência própria, desconfiava sobremaneira.

O autor conclui a sua breve carta sugerindo ao filho que tivesse compaixão dos seus inimigos, em mais um gesto educativo (e de grandeza d’alma) de alguém que saía de casa sem saber se os seus inimigos o deixariam voltar vivo.

CONCLUSÃO

Luiz Gama faleceu em 24 de agosto de 1882, antes da abolição da escravidão e da proclamação da república, fatos para os quais muito contribuíram as suas ideias e a sua militância de poeta, jornalista, abolicionista e advogado. Assim, o seu grande relevo nas áreas nas quais atuou fica por conta não apenas da sua capacidade de pensar a desconstrução da lógica dominante e a inversão da hierarquia, mas também pela capacidade de aliar essa produção do pensamento ao fazer, ao

construir história, mudando os seus rumos. É essa capacidade de associação entre teoria e prática levada a cabo pelo intelectual orgânico (HALL, 2003) que abre possibilidades de inversão da lógica e da hierarquia dominantes, de desconstrução de verdades únicas que interessam apenas a determinados grupos hegemônicos, contribuindo para a inclusão cidadã de toda e qualquer pessoa humana enquanto ser portador de direito e de dignidade. Em pleno século XIX, em um país de sério conservadorismo monarquista e escravocrata, o intelectual militante Luiz Gama exibiu uma performance que mais se assemelha aos pensadores da atual Crítica Cultural:

Da mesma forma que os pensadores dos Estudos Culturais – que fazem militância para inverter a hierarquia e tirar das margens pessoas silenciadas, excluídas pelo cânone hegemônico –, assim fez Luís Gama com as suas atividades intelectuais na literatura, no jornalismo e no direito. Mais do que um pensador consciente da sua pertença etnicorracial, que sabia qual era o seu lugar de fala, que usava habilmente o poder da palavra para desconstruir e desmontar discursos preconceituosos que, na melhor das hipóteses, tentavam fazer de negras e negros cidadãos de segunda classe, o filho de Luíza Mahin foi um militante que se movia na arena racista com altivez e desenvoltura (SANTOS, 2014).

Além desse fato, outro grande mérito seu reside na sua assunção negra. Enquanto o discurso dominante era o do branqueamento da população brasileira, as ideias e os exemplos de vida de Luiz Gama diziam um sonoro “negro sim!”. Sendo um intelectual consciente da sua pertença etnicorracial, o Orfeu de Carapinha sabia qual era o seu lugar de fala. Filho de uma mulher negra alforriada e tendo passado pela experiência da escravidão, sabia-se negro e colocou a sua vida a serviço das causas negras.

Vale ressaltar que quando ressignificou a sua vida, tornando-se homem livre, senhor da palavra e do seu destino, Luiz Gama poderia percorrer caminho inverso e ficar em certa zona de conforto, pois o seu problema de liberdade e realização profissional já estava de alguma forma resolvido. Mas sabia-se negro. E sabendo-se negro, preferiu a luta, o combate que anos mais tarde derrubaria a injustiça perpetrada contra a dignidade dos seus.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Celia Maria Marinho. *Onda negra, medo branco*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de carapinha*. São Paulo: Editora Unicamp, 2005.

AZEVEDO, Elciene. *O Direito dos Escravos*. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

BERND, Zilé. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CÂMARA, Nelson. *O Advogado dos Escravos*. São Paulo: Lettera.doc, 2010.

COMPARATO, Fábio Konder. Luiz Gama, Advogado Emérito. In: *Revista do Instituto dos Advogados Brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2010, n. 97.

- CUTI. *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FERREIRA, Fonseca Ligia. *Com a palavra, Luiz Gama*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2011.
- GAMA, Luís. *Primeiras trovas burlescas de Getulino*. Salvador: P55 Edições, 2011.
- GILROY, Paul. Uma história para não se levar adiante: a memória viva e o sublime escravo. In: *Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.
- SANTOS, Jair Cardoso. *Luiz Gama e a consciência negra*. Salvador: Jornal A Tarde, página A2, 2014.
- SANTOS, Luiz Carlos. *Luiz Gama*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.
- SILVA, Luiz. *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

